

## Álvaro de Campos\*

### Poema em Linha Reta



Nunca conheci quem tivesse levado porrada.  
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.

E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,  
Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita,  
Indesculpavelmente sujo.  
Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho,  
Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,  
Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,  
Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,  
Que tenho sofrido enxovalhos e calado,  
Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;  
Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,  
Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,  
Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado sem pagar,  
Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado  
Para fora da possibilidade do soco;  
Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,  
Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.

Toda a gente que eu conheço e que fala comigo  
Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,  
Nunca foi senão príncipe - todos eles príncipes - na vida...

Quem me dera ouvir de alguém a voz humana  
Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;  
Que contasse, não uma violência, mas uma cobardia!  
Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.  
Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?  
Ó príncipes, meus irmãos,

Arre, estou farto de semideuses!  
Onde é que há gente no mundo?

Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?

Poderão as mulheres não os terem amado,  
Podem ter sido traídos - mas ridículos nunca!  
E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído,  
Como posso eu falar com os meus superiores sem titubear?  
Eu, que venho sido vil, literalmente vil,  
Vil no sentido mesquinho e infame da vileza.

\* Álvaro de Campos é um dos heterônimos do poeta português Fernando Pessoa (1888-1935) que, todavia, em carta a Adolfo Casais Monteiro esclarece: "Álvaro de Campos nasceu em Tavira, no dia 15 de Outubro de 1890 (...), é engenheiro naval (por Glasgow), mas agora está aqui em Lisboa em inactividade (...), tipo vagamente judeu português (...) Ensinou-lhe latim um tio beirão que era padre".

## AUGUSTO DOS ANJOS\*



### VERSOS ÍNTIMOS

Vês?! Ninguém assistiu ao formidável  
Enterro de tua última quimera.  
Somente a Ingratidão — esta pantera —  
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!  
O Homem, que, nesta terra miserável,  
Mora, entre feras, sente inevitável  
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!  
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,  
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,  
Apedreja essa mão vil que te afaga,  
Escarra nessa boca que te belja!

\* Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos ((1884-1914), capixaba, foi professor de geografia do Colégio Pedro II no Rio de Janeiro. Seu único livro de poemas, *Eu*, se caracteriza pela temática da morbidez e do pessimismo, em metrificacão disciplinada repleta de extravagâncias vocabulares até então inusitadas.

## JOÃO DA CRUZ E SOUZA\*

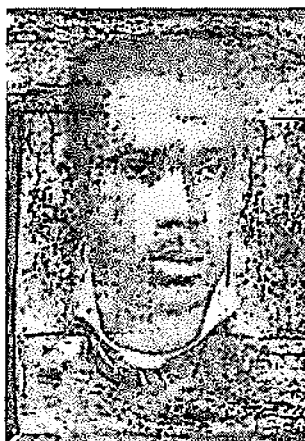
### Acrobata da dor

Gargalha, ri, num riso de tormenta,  
como um palhaço, que desengonçado,  
nervoso, ri, num riso absurdo, inflado  
de uma ironia e de uma dor violenta.

Da gargalhada atroz, sanguinolenta,  
agita os guizos, e convulsionado  
Salta, gavroche, salta clown, varado  
pelo estertor dessa agonia lenta...

Pedem-te bis e um bis não se despreza!  
Vamos! retesa os músculos, retesa  
nessas macabras piruetas d' aço...

E embora caias sobre o chão, fremente,  
afogado em teu sangue estuoso e quente,  
Ri! Coração, tristíssimo palhaço.



\* João da Cruz e Souza (1861-1898), catarinense, inaugurador do simbolismo no Brasil. Filho de escravos africanos alforriados, sofreu impiedosa campanha nos meios literários da época. Entre suas obras destacam-se *Broquéis* (1893) e *Faróis* (1900, publicada após sua morte).

## ToRQuATo nEtO\*



### Let's play that

quando eu nasci  
um anjo louco muito louco  
veio ler a minha mão  
não era um anjo barroco  
era um anjo muito louco, torto  
com asas de avião

eis que esse anjo me disse  
apertando minha mão  
com um sorriso entre dentes  
vai bicho desafinar  
o coro dos contentes  
vai bicho desafinar  
o coro dos contentes  
let's play that

\* Torquato Pereira de Araújo Neto (1944-1972), nascido em Teresina, no Piauí, foi um dos mentores intelectuais do movimento tropicalista. Um dia após completar 28 anos de idade, ligou o gás do banheiro e suicidou-se. Deixou um bilhete: "Tenho saudade, como os cariocas, do dia em que sentia e achava que era dia de cego. De modo que fico sossegado por aqui mesmo, enquanto durar. Pra mim, chega! Não sacudam demais o Thiago, que ele pode acordar". O poema acima foi musicado por Jards Macalé

**Fórum Social Mundial 2005: ensaio fotográfico**  
*Wilson Madeira Filho*  
Porto Alegre RS, janeiro de 2005

